



Prudêncio e a autoproclamação de vate sagrado: em defesa do *imperium sine fine* contra o paganismo

Prudence and the Self-Proclamation of Sacred Vate: in Defense of the Christian Imperium Sine Fine

Regimário Costa Moura

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte / Brasil

CAPES

regimariocm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9898-3062>

Resumo: O trabalho investiga a maneira que Prudêncio se coloca como vate sagrado de um discurso político-religioso, analisando, de modo especial, como essa noção entremeia-se na tese prudentina de que o Império Romano cristianizado sob o regime do imperador Teodósio I é o poder prenunciado na *Eneida* ao se cantar que a “Roma é um império sem fim”. Demonstrando como o poeta se utiliza da literatura pagã e cristã, a pesquisa se sustenta essencialmente a partir do conjunto poético do autor e da literatura crítica a respeito dele, a exemplo de Witke (1968), Wilken (1999), Pelttari (2019), Mastrangelo (2022), dentre outros.

Palavras-chave: Prudêncio; vate; *imperium sine fine*.

Abstract: The study investigates how Prudentius positions himself as a sacred vates of a politico-religious discourse, analyzing, in particular, how this notion intertwines with his thesis that the Christianized Roman Empire under Emperor Theodosius I embodies the power foretold in the *Aeneid* through its praise of Rome and an empire without end. By demonstrating how the poet employs both pagan and Christian literature, the research is primarily grounded in Prudentius’ poetic corpus and critical scholarship on his work, such as Witke (1968), Wilken (1999), Pelttari (2019), Mastrangelo (2022), among others.

Keywords: Prudence; vate; *imperium sine fine*.

1 Introdução

No início do século IV, Juvenco escreve *Evangeliorum Libri Quattuor* (Os Quatro Livros dos Evangelhos), a investida de recontar a vida de Cristo por meio de formas literárias clássicas. McGill nomeou a obra de o “primeiro épico cristão” que, segundo o autor, “*there is no evidence to suggest that he ushered in a fourth-century movement in Latin Christian epic*” (não há evidência que sugira que ele tenha inaugurado o movimento no épico cristão latino no século quarto) (McGill, 2016, p. 23, tradução própria). Sendo o épico um gênero literário um tanto quanto obsoleto entre os séculos III e V, os autores cristãos desse período dedicaram-se mais a produção de cânticos e hinos, como o caso dos trabalhos de Paulino de Nola e Ambrósio. Aliado a esse fator, a preocupação por uma literatura catequética e apologética fez com que as letras voltadas principalmente ao apelo estético habitassem um segundo patamar no grau de importância.

Dessa forma, a produção textual cristã tanto de viés mais literário quanto aqueles com uma perspectiva litúrgica giravam em tornos das temáticas bíblicas, até mesmo o vocabulário buscava se aproximar do que era visto nos textos sagrados. Porém, um autor destoava desse panorama, ainda que muito influenciado por esses: Prudêncio. Produzindo um conjunto de obras que transitam por diferentes gêneros, *Aurelius Prudentius Clemens* desenvolveu uma rica literatura que passa por influências pagãs, servindo das temáticas bíblicas, transbordando os grandes autores cristãos e criando algo, até então, não visto.

Em seu recente trabalho, Schmitt (2023), abordando a mais célebre obra prudentina, *Psychomachia*, defende que esta obra serviu de legitimação da literatura cristã, sendo uma produção que poderia ser lida meramente por prazer. A leitura apreciativa é apenas uma das possibilidades que a obra forneceu ao longo de sua recepção, pois apesar de obra se caracterizar pela forma tipicamente literária herdada das epopeias gregas e da *Eneida*, *Psychomachia* foi utilizada em contextos monásticos e educacionais, onde textos com forte carga moral e espiritual eram valorizados. Basta olharmos para sua repercussão na literatura posterior e nas artes plásticas medievais que veremos o tamanho de sua importância espiritual (Sousa, 1998).

Não somente, em *Psychomachia*, todo o *corpus litterarium* do autor segue a mesma toada.

Prudentius' hymns seem to have served liturgical and daily sacral practices while, at the same time, considerably furthering the development of Christian hymnody, not least in their allusivity and metrical variety.

(Os hinos de Prudêncio parecem ter servido às práticas litúrgicas e sagradas diárias, ao mesmo tempo que promoveram consideravelmente o desenvolvimento da hinologia cristã, principalmente na sua alusividade e variedade métrica.) (Pucci, 2022, p. 5, tradução própria).

Embora alguns textos do autor escapem do caráter litúrgico dada sua extensão para mais de mil versos, a obra prudentina era utilizada como base de reflexão e ensinamento moral.

Em comparação com Ambrósio que desenvolveu ensaios morais, tratados doutriniais, trabalhos exegéticos, orações e hinos, Wilken (1999, p. 36, tradução própria) explica que “*by contrast Prudentius wrote only poetry and his poetical corpus is more varied in content, in form and in meter*” (Por contraste, Prudêncio escreveu apenas poesia e seu corpus poético é mais variado em conteúdo, forma e métrica). Apesar de tão diversa, Prudêncio não desenvolveu uma chave hermenêutica teológica tampouco colaborou para o desenvolvimento da ortodoxia em seu tempo, Prudêncio não tenta superar Tertuliano, Agostinho ou qualquer outro, mas bebe dessas influências para anunciar as verdades de fé defendidas por ele e uma leitura particular da história cristã recente. Mas o que poderia ele oferecer que os grandes intelectuais ocidentais e orientais já não tivessem dito? Como um leigo poderia se colocar entre as mentes dos padres da igreja? Como o próprio autor coloca sua literatura no panteão daqueles que o inspiraram? Quem nos responde isso é a própria obra prudentina.

2 Prudêncio, O Vate Sagrado

Aurelius Prudentius Clemens, ou simplesmente Prudêncio, foi sem dúvida um dos autores mais influentes da cristandade para o pensamento medieval. Teodulfo de Orleães e Isidoro de Sevilha são dois dos grandes

exemplos medievais que acolheram sua obra (Sousa, 1998). Pelttari (2022, p. 34) ainda destaca a recepção do autor por parte de Agostinho, Paulino de Nola e Claudiano. De provável origem hispânica, dedicou-se à vida literária apenas nos anos finais após uma trajetória na política durante o governo do imperador Teodósio I. Pouco sabemos sobre ele, e a principal fonte de sua vida encontramos no *Praefatio* e no *Epilogus* autobiográficos que serviram ao conjunto de suas composições. Além desses textos, Prudêncio escreveu ainda mais oito, nos quais combina discurso religioso cristão e as disputas sociais de seu tempo. E mais que um singelo poeta que se dedicou devotamente na fase final à arte das letras, veremos como Prudêncio resgata o pensamento de grandes mentes da era patrística a fim de criar uma literatura sagrada.

Apesar de seu corpo literário se estender em apenas oito livros, o autor caminhou por diferentes formas de composições poéticas: textos litúrgicos, como os hinos para as horas dos dias em *Cathemerinon* e as quadras hexamétricas bíblicas de *Dittochaeon*; seu martirólogo, *Peristephanon*, onde se narram os feitos de catorze mártires em variados ditames literários; suas obras de teor mais apologético em defesa de dogmas da fé e contra as heresias, *Apotheosis* e *Hamartigenia*; um épico literário cristão aos moldes clássicos, *Psychomachia*; e seus trabalhos com forte tom político, *Contra Symmachum I* e *II*. O conjunto poético do autor mais que um elemento dentro do universo da literatura latina é um microcosmo onde diferentes rios de influência desaguardam.

A expectativa de auxiliar no árduo trabalho de se apropriar da *peithós*, a arte de persuasão clássica, para permitir o avanço do pensamento cristão, possibilitou que Prudêncio se acercasse dos paradigmas poéticos pagãos para se fazer comunicar tanto com convertidos quanto com gentios (Gonçalves, 2020, p. 179).

Não à toa, Shanzer (1989) o classifica como um Horácio, nos seus hinos, e um Virgílio, no seu épico, cristão, enquanto Carpeaux (2008, p. 140) o define como “o verdadeiro Ambrósio da poesia latina cristã”, ao lado de Paratore (1983, p. 966), que, na mesma toada, o põe ao lado de grandes nomes da cristandade: “[...] é realmente o último representante daquele ambiente cultural que assinalou o auge do Império Latino

cristão: foi herdeiro de S. Ambrósio, de S. Jerônimo e de S. Dâmaso na defesa da ortodoxia católica”. Navegando entre os esses dois mundos aparentemente opostos, o cristianismo e o paganismo, Prudêncio cria um prisma de cores bem particular de seu tempo em cada uma de suas obras, que mesmo possuindo particularidades, percebemos em todas a amálgama entre esses dois ambientes.

Suas únicas composições que se distanciam desse aspecto, dada a natureza do gênero, é o *Praefatio* e o *Epilogus* citados no início desta seção. Neles, encontramos um Prudêncio em caráter bastante confessional, na figura de um cristão e poeta.

No início do *Praefatio*, reconhecendo sua idade avançada, o poeta se questiona o que de valoroso fez em sua vida. Nota-se uma preocupação com o Juízo particular que será feito por Deus após a morte. Admitindo suas falhas, busca agora redimir-se pelo tempo em que sua alma andava no erro. Esse reconhecimento não só será um dos catalisadores para a sua obra poética, como veremos a frente, mas também nos dá possibilidade de se desvelar a razão pela qual seus escritos carregam um forte teor moral.

*Instat terminus, et diem / vicinum senio iam Deus adplicat. / quid nos utile tanti spatio temporis egimus? / [...] mox docuit toga / infectum vitiis falsa loqui, non sine crimine. / tum lasciva protervitas / et luxus petulans (heu pudet ac piget!) / foedavit iuvenem nequitiae sordibus ac luto.*¹

(O fim se aproxima / E Deus já acrescenta o próximo dia à velhice. / O que fizemos de útil em tão longo espaço de tempo? / [...]Depois, infectado pelos vícios / A toga me ensinou a falar mentira, não sem culpa. / Então, a insolente lascívia / E o luxuoso atrevimento (ah, como me envergonho e me arrependo!) / macularam a juventude com sujeira e lama de iniquidade.)² (Prudêncio, *Praefatio*, 4-12).

¹ Todos os excertos da poesia de Prudêncio apresentados foram extraídos dos dois volumes dedicados a obra do autor em versão bilíngue traduzidos para o inglês por H.J. Thomson, que compõe a série *The Loeb Classical Library*, publicada pela Harvard University Press, em 1949.

² Todas as traduções apresentadas dos textos do autor são de nossa autoria

Seguindo um caminho bem parecido com Agostinho em *Confissões*, Prudêncio retoma episódios de sua vida, aponta seus pecados e também retrata um pouco de sua trajetória até o momento presente. Nesse caminho, Prudêncio não deixa de criticar as escolas de Retórica que ensinavam a arte da palavra, mas não o compromisso com a Verdade. No prefácio de *Contra Symmachum II*, obra em que Prudêncio resgata a polêmica iniciada pelo senador pagão Símaco em favor da ereção da imagem da deusa Vitória, o poeta retoma o episódio do naufrágio de Paulo na ilha de Malta onde o apóstolo é picado por uma cobra. Metaforizando a barca de Paulo como a Igreja e a serpente que o morde como os inimigos dela, Prudêncio a descreve como: “*Seps insueta subit serpere flexibus / et vibrare sagax eloquii caput.*” (A serpente já desacostumada começa a rastejar sinuosamente / e balançar sua cabeça eloquente.) (Prudêncio, *Contra Symmachum II*, Prefácio, 74-76). Na figura da serpente maldita Prudêncio projeta aqueles que se opõe aos ensinamentos da Igreja e de modo especial Símaco, o orador que, com seu discurso, buscava revitalizar símbolos pagãos em um império cristianizado. A voz assumirá um lugar de extrema importância na obra prudentina, quer no campo textual quer na prática da vida cristã. É pela sua boca que o sagrado ganhará forma. Aqui, neste excerto, tal como no relato da queda do casal primordial, Adão e Eva, a serpente se destaca por sua fala ardilosa que se ergue em oposição aos planos divinos.

Considerando a cultura literária notada em seus textos, Prudêncio provavelmente integrou a aristocracia romana, apesar de parecer indicar o contrário em seu *Epilogus*. Se nascido de família cristã ou convertido a fé católica, o que sabemos é que o poeta esteve bastante próximo ao Imperador Teodósio I, quem promulgou o *Edito de Tessalônica* no ano de 380, o qual proibia a prática cultural pagã e encerrava definitivamente os templos pagãos. Dado seu extenso repertório da cultura clássica e dos autores contemporâneos ou próximos a seu momento, a saber Tertuliano, Ambrósio, Paulinho de Nola, é sabido que Prudêncio gozou de uma boa educação, o que lhe garantiu anos depois um cargo na corte. Porém, apesar de seus feitos e de seu renome, ele volta a se questionar:

*Numquid talia proderunt / carnis post obitum vel bona vel
mala / cum iam, quidquid id est quod fueram, mors aboleverit?*

/ *Dicendum mihi: “quisquis es, / mundum, quem coluit, mens tua perdidit. / non sunt ilia Dei, quae studuit, cuius habebis.*

(De que servirão / as coisas da carne após a morte, sejam boas ou más, / quando já, o que quer que eu tenha sido, a morte apagou? / Devo dizer a mim: ‘Quem quer que você seja, / o seu espírito perdeu o mundo ao qual tu adoravas? / Não são de Deus a quem você pertencerá.)(Prudêncio, *Praefatio*, 28-33).

Aplicando uma imagem bastante ciente da própria finitude, de que do pó veio e ao pó voltará, ecoando fortemente o discurso bíblico da prestação de contas diante de Deus, Prudêncio segue rasgando sua materialidade a fim de vencê-la para então honrar Deus. De que modo ele pretende fazer isso? Seus próximos versos respondem. “*Atque fine sub ultimo / peccatrix anima stultitiam exuat / saltem voce Deum concelebre, si meritis nequit.*” (E, no último momento / a alma pecadora se dispa da estupidez / celebre Deus pelo menos com a voz já que não com os méritos.)(Prudêncio, *Praefatio*, 34-36). A boca que antes foi utilizada para promover mentiras, ela agora aparecerá como seu melhor instrumento para servir a Deus. Se pela palavra da serpente o casal primordial caiu em pecado, é pela sua voz que fará ecoar Aquele quem é a Verdade.

O complemento a essa ideia encontramos no *Epilogus*. Logo de início, diante da própria inércia da alma em busca das virtudes em sua trajetória pessoal, Prudêncio se coloca a parte dos dois principais modos de servir a Deus: a caridade aos pobres e os dons da própria consciência. No que diz respeito a caridade aos pobres, Mollat explica que

Fue decisivo para la Edad Media que, desde la Antigüedad tardia y los primeros tempos medievales, el concepto Cristiano de la caridad, subentendiendo el de la pobreza, haya sido proclamado y practicado por los obispos y los monjes, en Oriente y en Occidente; este concepto transforma la humildad espiritual em um impulso hacia Dios y tende a aliviar la humillación material e social de los pobres.

(Foi decisivo para a Idade Média que, desde a Antiguidade Tardia e os primeiros tempos medievais, o conceito cristão de caridade subentendido ao da pobreza, fosse proclamado e praticado pelos bispos e os monges, no Oriente e no

Ocidente; este conceito transforma a humildade espiritual em um impulso em direção a Deus e tende a aliviar a humilhação material e social dos pobres) (Mollat, 1978, p. 26, tradução própria)

A caridade com os pobres, mais que uma ato de compaixão, também garantia um lugar especial dentro da sociedade através da prática do evergetismo, a prática caritativa para com os pobres que geravam reconhecimento dos demais àquele que se dedicava ao auxílio dos necessitados, como explica Zétola (2009). Prudêncio nem se coloca dentre aqueles que imitaram as virtudes típicas da classe eclesiástica e aristocráticas, tampouco se vê como um homem que por sua reta consciência serviu a Deus. Em troca de tudo isso, o que ele agora oferece são seus próprios versos.

Inmolat Deo Patri /pius, fidelis, innocens, pudicus / dona conscientiae, / quibus beata mens abundat intus. / alter et pecuniam / recidit, unde victitent egeni. / nos citos iambicos sacramus et rotatiles trochaeos / sanctitatis indigi / nec ad levamen pauperum potentes. / approbat tamen Deus / pedestre carmen et benignus audit.

(Imola a Deus Pai / O piedoso, fiel, inocente, pudico / os dons da consciência, / os quais abundam no íntimo da alma bem aventurada. / Outro corta o dinheiro, / para que os necessitados se alimentem. / Nós consagramos os rápidos iambos e os troqueus rotatórios / indignos de santidade / nem suficientes para socorrer os pobres. / Apesar disso, Deus aprova / meus poemas prosaicos e benigno escuta.) (Prudêncio, *Epilogus*, 1-12).

É interessante notarmos que, mesmo tendo estado próximo ao *Princeps* romano, Prudêncio assume não ter recursos suficientes para ajudar os pobres. Thomson (1949) pressupõe que o autor tenha sido um *comes primi ordinis*, o que poderia lhe atribuir atividades especiais ou funcionar apenas como um mero título. De toda forma, mais que elocubrações, o que é sabido é como o poeta enxerga na sua voz, em seus *carmina*, um meio de conversão e proclamação do poder divino.

Continuando seu *Epilogus*, Prudêncio cria a imagem de uma casa de um senhor rico que terá desde potes de barro a taças douradas, todas lhe são úteis já que para cada uma há uma função. Metaforizando os membros da comunidade cristã nos utensílios domésticos, o poeta se coloca como um pobre instrumento do Senhor.

*me paterno in atrio / ut obsoletum vasculum caducis /
Christus aptat usibus / sinitque parte in anguli manere. /
munus ecce fictile inimus intra regiam salutis. / attamen vel
infirmam / Deo obsequellam praestitisse prodest. / quidquid
illud accidit, / iuvabit ore personasse Christum.*

(Quanto a mim, no átrio paterno / como um vaso pobre e desgastado / Cristo me prepara para o uso / e permite me ficar no canto. / Aqui estou prestando serviço no palácio da salvação. / Entretanto, aproveita / para prestar um ínfimo trabalho a Deus. / Seja o que for que aconteça / será um prazer ter proclamado Cristo com a voz.) (Prudêncio, *Epilogus*, 25-34).

Prudêncio assume a típica figura do poeta épico clássico que se vê indigno de narrar os fatos que merecem ser contados e recorre ao auxílio das musas. Hesíodo, por exemplo, em *Teogonia*, versando sobre as musas diz que elas “inspiraram-me um canto / divino para que eu glorie o futuro e o passado, / impeliram-me a hinear o ser dos venturosos sempre vivos / e a elas primeiro e por último sempre cantar.” (Hesíodo, 2007, 31-34). O canto não vem do autor, mas da inspiração trazida das Musas. De modo semelhante, Virgílio, na *Eneida*, recorre às musas a fim da memória do poeta ser transpassada pelas causas que motivam a narrativa e ele possa narrar os feitos do herói Eneias. “Musa! Recordame as causas da guerra, a deidade agravada / por qual ofensa a rainha dos deuses levou um guerreiro / tão religioso a enfrentar sem descanso duros trabalhos?” (Virgílio, 2016, 8-10) O ato de narrar um grande feito é inviável para as condições humanas, é preciso o auxílio do alto. Discorrendo sobre o papel da invocação divina nos textos, Thamos, a partir da *Eneida*, explica que

A invocação à musa exprime de maneira dramática a grandiosidade do tema a ser cantado, conferindo à composição

da obra o caráter de uma tarefa sobre-humana [...] Ao ser invocada a divindade, prenuncia-se performativamente uma transformação significativa: a figura do poeta que se eleva a vate. (Thamos, 2011, p. 43)

O conceito de vate vai além do simples ato de compor poesia; ele implica uma conexão com o divino ou com forças superiores. Se o poeta na *Eneida* seria incapaz de compreender as vontades e pensamentos dos deuses por suas próprias forças, é por meio da invocação sagrada que ele toma ciência dos fatos do passado, presente e futuro. Prudêncio assim o faz, contudo em uma roupagem cristã. No próêmio de *Psychomachia*, onde são narradas sete lutas entre vícios e virtudes pela alma humana, o poeta faz essa conclamação divina, porém, agora, não mais às musas, e sim a Cristo. O poeta não narrará os feitos das virtudes sob o mando de Cristo, mas Deus quem contará por meio dele o que é preciso para a alma humana vencer o pecado. Sua boca é que será a porta voz daquilo que é necessário à mensagem de salvação.

Christe, graues hominum semper miserate labores, / Qui patria uirtute cluis propriaque, sed una – / Vnum namque Deum colimus de nomine utroque / Nom tamen et solum, quia tu Deus ex patre, Christe – / Dissere, rex noster, quo milite pellere culpas / Mens armata queat nostri de pectoris antro.

(Cristo, sempre apiedado dos graves trabalhos dos homens / os quais purificas com a força do Pai e Sua sendo uma – / pois cultuamos um Deus sob dois nomes / Não somente isso, pois tu, Cristo, és Deus a partir do Pai - / Diga, Rei Nosso, de que forma a mente armada / pode expulsar os erros de nosso imo peito?) (Prudêncio, *Psychomachia*, 1-6)

Emulando no primeiro verso a *Eneida*, onde lemos “*Phoebe, gravis Troiae semper miserate labores*” (Tu, Febo Apolo, que sempre soubeste ser bom para Troia) (Virgílio, *Eneida*, VI, 56, tradução de Carlos Alberto Nunes), Prudêncio reconfigura a prece pagã e, no lugar de Febo, adota Cristo, cuja piedade não está restrita à cidade de Troia, mas a todos os homens. Cristo será o guia que conduzirá a revelação para vencer as más inclinações da alma, ele é o “*bone ductor*” (bom guia) (*Psychomachia*, v. 11) da alma perdida. Sendo o porta-voz da

mensagem do Evangelho, *Prudêncio* se mostra atento aos recentes dogmas proclamados pela Igreja, além das mensagens bíblicas, ele precisa estar em união com os membros da barca eclesial. Em comunhão com o que foi estabelecido no I Concílio de Niceia, afirma a unidade entre Deus Filho e Deus Pai e retoma o símbolo apostólico conforme decretado no I Concílio de Constantinopla: “[...] *et ex Patre natum ante, omnia saecula, Deum de Deo, lumen de lumine, Deum verum de Deo vero* [...]” ([...] e nascido do Pai, antes de todos os séculos, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro [...]) (Denzinger, 2006).

Quando não Cristo, *Prudêncio* não foge da religiosidade cristã e no seu livro dos mártires, *Peristephanon*, no décimo poema dedicado a vida de São Romano, ele toma o mártir como figura sagrada que moverá seu canto.

*Romane, Christi fortis adsertor Dei, / elinguis oris organum
fautor move, / largire comptum carmen infantissimo, / fac
ut tuarum mira laudum concinam, / nam scis et ipse posse
mutos eloqui.*

(Romano, forte defensor de Cristo Deus / defensor da voz,
move minha boca muda / concede um hino elegante ao mais
infantil dos lábios / faze com que eu cante as maravilhas
dos teus louvores / pois sabes que pode fazer o mudo falar.)
(*Prudêncio, Peristephanon, X, 1-5*)

Dos catorze poemas de *Peristephanon*, a décima composição é a mais extensa e traz um mártir que teve a língua arrancada e ainda assim conseguiu falar com todos sobre a misericórdia divina para com os homens. *Prudêncio* pode ser limitado por conta de sua fisicalidade, mas São Romano, em quem o milagre da voz aconteceu, pode interceder pelo pedido deste pobre pecador e garantir o milagre da voz agora para o poeta que se faz vate.

Prudêncio, seguindo a tendência literária pela qual é influenciado, resgata os princípios estéticos que regem esse modelo, sempre partindo de um olhar cristão e muito atento às crenças e à ortodoxia que cerceiam a sua fé. Ao retornarmos para o *Praefatio*, vemos que essa autoproclamação em vate sagrado não é mero detalhe textual, a regra

da qual não pode fugir ao escrever. Descrevendo suas obras que vêm logo após seu *Praefatio*, ele escreve:

*Hymnis continuet dies / nec nox ulla vacet quin Dominum
canat; / pugnet contra hereses, catholicam discutiar fidem /
conculcet sacra gentium, / labem, Roma, tuis inferat idolis, /
carmen martyribus devoveat, laudet apostolos. / Haec dum
scribo vel eloquor; / vinclis o utinam corporis emicem / liber,
quo tulerit lingua sono mobilis ultimo!*

(Que os dias continuem com os hinos, / e nenhuma noite
fique livre de louvar o Senhor / Que lute contra os hereges
quando a fé católica estiver destruída / que pise as coisas
sagradas das nações / traga destruição, ó Roma, para teus
ídolos / que cânticos aos mártires sejam dedicados e os
apóstolos louvados. / Enquanto escrevo isso ou falo de
tais coisas / para além das amarras do corpo / o livro possa
ir até onde as palavras da minha língua puderem chegar.)
(Prudêncio, *Praefatio*, 37-45)

Todas as suas obras são mencionadas aqui: os hinos de *Cathemerinon*; as vidas dos mártires de *Peristephanon*; a luta contra as heresias de *Apotheosis* e *Hamartigenia*; a destruição dos ícones sagrados romanos de *Contra Symmachum I e II*, e a obra que se configura como uma amálgama de todas essas, *Psychomachia*. O poeta não coloca sua imagem como feitora dessas realizações, pelo contrário, são seus textos, inspirados por Deus, que louvarão Deus e destruirão os inimigos. Se pela palavra o mundo foi criado, é pela palavra que a iluminação à razão humana chegará.

Preocupado para que a prática da fé não se restringisse a uma mera especulação filosófica, Prudêncio desenvolve os hinos para as horas dos dias, o *Cathemerinon*. Uma espécie de profissão de fé cotidiana que lembrasse o fiel os valores da cristandade e seu papel de integrante da comunidade de batizados, apesar de carecermos de material que comprove a hipótese, provavelmente, esses hinos foram escritos para serem também cantados (O'Daly, 2012). Dividido em duas partes, a primeira dedicada para as atividades diárias do nascer ao pôr do sol e a segunda voltada para liturgias fundamentais da vida católica: os funerais, a solenidade do nascimento de Cristo e a celebração dos Reis Magos. Mesmo com

alto grau de instrução de retórica, Prudêncio se coloca como inferior na arte de falar. Essa característica seria inclusive um traço distintivo dos cristãos: sendo a retórica a arte da mentira, não convinha aos fiéis serem eloquentes senão com a verdade, ele canta:

At nos lucelli ac faenoris / fandique prorsus nescii, / nec arte fortes bellica, / te, Christe, solum novimus, / te mente pura et simplici, / te voce, te cantu pio / rogare curvato genu / flendo et canendo discimus.

(E nós, completamente ignorantes / em lucro, juro e oratória, / nem fortes na arte da guerra, / a ti, Cristo, somente conhecemos, / a ti, com mente pura e simples, / a ti, com a voz, a ti, com cântico piedoso, / rogamos de joelhos curvados, / aprendemos a suplicar com lágrimas e cânticos.) (Prudêncio, *Cathemerinon*, II. 14-52).

Vê-se novamente que a grandeza que seu texto possui não vem de suas forças, mas sim da inspiração divina. O poeta é alguém que nada compreende sobre dinheiro e oratória, seu texto é simplesmente um rogo inspirado por Deus que deve ser cantando pela comunidade cristã.

A boca e a voz, como vimos, são uma figura de suma importância para entender a noção de vate sagrado na literatura prudentina. Se em *Cathemerinon* “a expressão oral do hino garantiria o pacto de *fides* e lealdade com a divindade” (Gonçalves, 2020, p. 165), em *Psychomachia*, a expressão oral é símbolo da vitória do cristianismo em sua história contra os inimigos pagãos da igreja e os hereges.

Na obra, aparecem sete principais vícios metaforizados em guerreiras – *Veterum Cultura Deorum* (Culto aos deuses antigos), *Sodomita Libido* (Libido Sodomita), *Ira* (Ira), *Superbia* (Soberba), *Luxuria* (Luxúria), *Avaritia* (Avareza) e *Discordia Heresis* (Discórdia Herética) – em todas, exceto na *Luxuria*, a boca ou elementos próximos aparecem como partícipes da derrota. Na primeira batalha, a *Fides* (Fé) derrota o *Culto aos Deuses Antigos* saltando sobre a inimiga e pisoteando sua *ore cruore* (v. 31), boca ensanguentada com sacrifício de animais. Em seguida, a *Virgo Pudicitia* (Virgem Castidade) transpassa uma espada na garganta adversária, *Sodomita Libido*, que espuma vapores quentes misturado ao sangue lamacento (v. 50-51). Depois, a *Ira* é descrita com

boca espumante (v. 115) cuja voz é arma para convocar à guerra (v. 116-117), já a virtude oposta a ela, a *Patientia* (Paciência), vence sem dizer uma só palavra injuriosa. No quarto embate, entre *Superbia* e *Mens Humilis* (Alma Humilde), a guerreira cristã usa sua voz como um dos instrumentos de luta. A *Avaritia* é descrita com a boca sedenta de espólios (v. 457) que tenta ferir a *Ratio* (Razão) lançando dardos, mas que são repelidos para longe das puras gargantas dos heróis cristãos (v. 508-509). A *Operatio* (Obra da Razão) rompe a garganta seca e sem sangue fazendo com que a *Avaritia* morra sufocada (v. 590-593). Por fim, a *Fé*, junto à *Concordia* (Concórdia), derrota a *Discordia Herética* e aquela lhe introduz na boca uma lança perfurando a língua inimiga a impedindo de blasfemar (v. 715-718).

Alegoricamente, o poeta hispânico projeta os erros pagãos e imperiais em relação a ortodoxia católica e em todos a convergência é a mesma: a voz, a palavra, o discurso é um afiado instrumento que pode ser usado pelas duas faces da moeda, pelo discurso se difunde erros e heresias, pela palavra a razão pode ser iluminada. Como bem destaca Bastos (2013, p. 179): “[...] Talvez mais do que criado À sua imagem e semelhança, foi o homem modelado pelas mãos divinas, e sua vida insuflada diretamente de sua boca, pelo sopro divino”. Com a boca Deus trouxe a vida ao homem, pela boca do poeta, agora um vate, Deus proclamará a boa nova para salvação da alma.

3 A Providência Divina E O *Imperium Sine Fine*

E o que diz esse vate? O que ele tem a falar que os Evangelhos já não nos contem? Hardie (2017), tratando sobre a hermenêutica em *Psychomachia*, diz que “*The allegory of the Psychomachia cannot of course be properly understood without an awareness of biblical, Pauline and patristic sources.*” (A alegoria de *Psychomachia* não pode, obviamente, ser devidamente compreendida sem o conhecimento das fontes bíblicas, paulina e patrística)” (Hardie, 2017, p.8, tradução própria). Estendemos essa interpretação a todo o *corpus* prudentino, visto que, em cada obra, Prudêncio toma inspirações diretas dos textos sagrados e dos célebres defensores da fé. O autor não deseja estabelecer uma nova teologia, mas garantir que os verdadeiros apologetas fossem ouvidos e a ortodoxia

católica prevalecesse. Partindo desse ponto, uma tônica ecoa em sua obra: o *imperium sine fine* (império sem fim) cristão.

No canto inicial da *Eneida*, Júpiter profetiza o futuro da geração de Eneias, traça uma breve genealogia do que seria posteriormente o Império Romano, o herdeiro do espírito troiano. Lançando luz a origem do povo através do deus Marte e os gêmeos, Remo e Rômulo, sob os cuidados da loba, ela declara: “*His ego nec metas rerum nec tempora pono: imperium sine fine dedi.*” (A estes, nem limite das coisas e do tempo ponho: / dei um império sem fim.) (Virgílio, *Eneida*, I, 278-9, tradução de Carlos Alberto Nunes). Muito inspirado em Virgílio, Prudêncio retoma essa ideia genealógica e de um império infindo, de modo especial, em *Contra Symmachum I e II*. No primeiro, após estabelecer um longo caminho do evemerismo com os deuses pagãos, isto é, a interpretação dos deuses como mortais célebres que, no caso de Prudêncio, são colocados como homens pecaminosos, o poeta afirma a respeito de Teodósio I e seu império:

Denique nec metas statuit nec tempora ponit / imperium sine fine docet, ne Romula virtus / iam sit anus, norit ne gloria parta senectam. / exultare patres videas, pulcherrima mundi / lumina conciliumque senum gestire Catonum / candidiore toga niveum pietatis amictum / sumere et exuvias deponere pontificales. / iamque ruit, paucis Tarpeia in rupe relictis, / ad sincera virum penetralia Nazareorum.

(Finalmente, não estabelece limites nem põe fim aos tempos: / ensina um império sem fim, para que a virtude de Rômulo / jamais envelheça, para que a glória conquistada não conheça a velhice. / Veja os pais exultarem, a belíssima luz do mundo / e o conselho dos Catões jubilar / vestindo uma toga mais branca que a neve, o manto da piedade, / e deporem as vestes pontificais. / E agora, poucos permanecendo na rocha Tarpeia, / eles se dirigem às puras profundezas dos homens de Nazaré.) (Prudêncio, *Contra Symmachum I*, 541-549).

A replicação do verso virgiliano é nítida pela própria escolha vocabular e, além disso, Prudêncio não nega a história já conhecida de Roma, contudo, essa história repleta de deuses viciosos, os anais do grande império que abraçava todos os povos tinham agora uma luz

distinta. A *toga*, que na poética prudentina é um símbolo dos oradores e de sua falta de comprometimento com a verdade, se transforma agora em mais alva que neve, símbolo de santidade, pois o império é enfim cristão e, com Teodósio I, definitivamente cristão. Conforme Gonçalves (2021, p. 180), “A verdadeira glória na epopeia prudentina é alcançada pelo herói Teodósio ao usar as leis (vestido de toga, portanto, sem usar a força bélica) em benefício da conversão à fé cristã”. Para ele, os imperadores lutavam em nome e sob o cuidado de Cristo, antes mesmo de Constantino (*Contra Symmachum I*, 289-292) e foi em Teodósio, promulgador do Édito de Milão, que se encerrava a linhagem pagã do império. “*Ast hic imperium protendit latius aevo / posteriore suis cupiens sancire salutem.*” (Mas este estende seu império ainda mais amplamente com o passar do tempo, / desejando assegurar a salvação de seus descendentes.) (Prudêncio, *Contra Symmachum I*, 28-29).

E onde esteve o Deus trinitário no tempo em que reinaram as divindades pagãs? Prudêncio se coloca como forte apologeta cristão, vale lembrar o verso de seu prefácio em que ele define um dos objetivos de sua literatura: “traga destruição, ó Roma, para teus ídolos” (Prudêncio, *Praefatio*, 41) Essa destruição é acompanhada por um novo olhar para a cidade da providência divina. Esse império cristão é o império que Virgílio escrevera na grande obra romana ainda que ele não conhecesse a mensagem de Cristo, pois se ele não falou do Deus verdadeiro isso se dava pelos ancestrais romanos que esqueceram do monoteísmo e passaram a cultuar homens e forças da natureza.

*Regia tunc omnis vim maiestatis et omnis, / parva licet, caeli
imperium retinere potestas / credita: tunc etiam ducibus
parvoque sacello / inperitus honos, quem dum metus aut
amor aut spes / adcumulant, longum miseris processit in
aevum / mos patrius: coepit falsae pietatis imago / ire per
ignaros nebuloso errore nepotes / tum quia, quae vivis
veneratio regibus ante / contigerat, functis eadem iam
munere lucis / cessit et ad nigras altaria transtulit urnas.*

(Então, todo o poder real e a majestade, / embora pequenos,
foram acreditados como mantendo o domínio do céu: / até
mesmo os líderes foram honrados com incenso e um pequeno
santuário, / honra que, enquanto o medo, o amor ou a

esperança a intensificavam, / prolongou-se para os miseráveis ao longo de uma era. / O costume dos ancestrais: começou a imagem de uma piedade falsa / a se espalhar através dos netos ignorantes, em um erro nebuloso, / pois, a reverência que antes pertencia aos reis vivos, / passou agora aos que perderam a luz da vida, / e transferiu os altares para as urnas sombrias.) (Prudêncio, *Contra Symmachum I*, 149-158)

Essa tese do monoteísmo abandonado não fica limitada ao campo literário. Se assim o ficasse, seu texto pesaria mais como uma pura obra estética que não tem obrigatoriamente pretensão com a verdade. Porém, essa asserção encontra respaldo em outros autores. Eusébio de Cesareia, rebatendo as acusações dos judeus a fim de explicar que o cristianismo não era algo novo, em *História Eclesiástica*, ele demonstra a partir de Abraão e Moisés que a mensagem de Cristo encontrou seu germe, mas a dureza dos homens impediu que a boa nova fosse concretizada (Eusébio, *Historia*, I.2.17-16). Os patriarcas, de fato, eram hebreus, mas seus descendentes diretos não aceitaram o Messias e agora os cristãos eram o verdadeiro povo escolhido de Deus. Cristo e sua pregação aparecem quase que concomitantemente com o nascimento do Império Romano. “Eusébio usou essa correlação para argumentar que o Império e o cristianismo eram ambos parte do plano de Deus.” (Drake, 2021, p. 29-30)

Orígenes, comungando do mesmo pensamento, em *Contra Celso*, é contundente em sua afirmação. Ele traz à lembrança que Cristo nasceu durante o governo de Augusto, o imperador que estabeleceu a *Pax Romana* (Paz Romana), o único momento propício para a mensagem pacifista ser aceita pelos povos. Ademais, todas as guerras anteriores ao momento de paz imperial foram providenciais a fim de que as nações derrotadas fossem incorporadas pelas vencedoras até culminar no império de Cristo.

Deus preparava as nações para receber seu ensinamento, submetendo todas ao único imperador de Roma, e impedindo que o isolamento das nações devido à pluralidade das realidades não tornasse mais difícil aos apóstolos a execução da ordem de Cristo: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos.” (Orígenes, *Contra Celso*, II.30)

Prudêncio não se distancia desses autores. Filiando-se a essa mensagem cujo embrião remonta ao final do século II com o bispo Melito de Sardis, o poeta garante que foram essas transformações políticas que levaram a mensagem de Cristo a estar situada no contexto imperial romano. Para Ferrandi

c'est donc une théologie de l'Histoire que Prudence développe. Elle est le reflet d'une grande interrogation qui traverse tous les chrétiens lettrés de ce temps: l'institutionnalisation de leur religion signifie t-elle que l'avènement du Royaume est là?

(É, portanto, uma teologia da História que Prudência desenvolve. Ela reflete uma grande questão que atravessa todos os cristãos educados desta época: a institucionalização de sua religião significa que o advento do Reino está aqui?) (Ferrandi, 2017, p. 103, tradução própria)

A história é lida pelo autor por um véu religioso sob o qual em seu tempo tudo se fez mais claro, todas as transformações prepararam para vinda de Cristo.

Em prece a Jesus, ele escreve:

En ades, Omnipotens, concordibus influe terris: / iam mundus te, Christe, capit, quem congrege nexu / pax et Roma tenent. capita haec et culmina rerum / esse iubes, nec Roma tibi sine pace probatur; / et pax ut placeat facit excellentia Romae.

(Aqui estás, Todo-Poderoso, infunde harmonia entre as terras: / agora o mundo te acolhe, ó Cristo, a quem a paz e Roma / mantêm unidos em um laço indissolúvel. Tu ordenas que estas sejam / as cabeças e os cumes das coisas, e Roma não é aprovada por ti sem paz, / e a paz te agrada para que se faça a excelência de Roma.) (Prudêncio, *Contra Symmachum II*, 634-638).

Prudêncio, o arauto imperfeito de Cristo, anunciou neste tempo de paz, a concretização daquilo que os profetas já haviam dito séculos atrás: o acolhimento da eterna aliança de Deus com seu povo. Prudêncio

não descarta a história já conhecida de Roma, pelo contrário, ele a abraça e a reconfigura dentro da história da cristandade, atribuindo a Deus Filho o epíteto de *Salvator generis Romule*” (Salvador da raça de Rômulo) (Prudêncio, *Contra Symmachum I*, Prefácio, 80).

Essa certeza da primazia de Roma recai sobre as figuras dos grandes anunciadores do evangelho do primeiro século da igreja: Paulo e Pedro. Ambos aparecem como modelos nos prefácios de *Contra Symmachum I* e *II*, respectivamente. As obras que têm como mote a tentativa de soerguimento do paganismo em um império cristianizado apresentam dois pregadores estimados da comunidade católica. Eles são apóstolos e mártires, a quem “*regina Fides animarat in hostem. / Nunc fortes socios parta pro laude coronat / floribus, ardentique iubet uestririer ostro.*” (A Rainha Fé animara contra os inimigos. / Agora coroa os fortes companheiros com flores pela glória atingida / e ordena que vistam com púrpura brilhante.) (Prudêncio, *Psychomachia*, 37-39). Tendo alcançado a glória eterna mesmo perecendo contra os inimigos da fé, Prudêncio lembra que eles possuem uma íntima ligação com Roma:

Et iam tenemus obsides / fidissimos huius spei, / hic nempe iam regnant duo / apostolorum principes, / alter vocator gentium, / alter cathedram possidens / primam recludit creditas / aeternitatis ianuas.

(E já temos em mãos os mais fiéis penhores dessa esperança, / pois aqui reinam aqui dois príncipes dos apóstolos: / um, ao chamado dos povos, / o outro, possuindo a primeira cátedra, / abre as portas confiadas da eternidade.) (Prudêncio, *Peristephanon*, II, 457-464)

A ambos, Prudêncio dedicará o décimo segundo poema de *Peristephanon*, no qual ele conclama a cidade a celebrar, visto que os santos Pedro e Paulo lá estão, é o triunfo apostólico. Como explica Anne-Marie Palmer (1989, p. 133 *apud* Richardson, 2016, p. 11, tradução própria) “*Prudentius is the first to coin the phrase ‘Roma caelestis’, the first to see the martyr as the heavenly consul and the first to equate his martyr’s crown with its earthly counterpart, the ‘corona civica’.*” (Prudêncio foi o primeiro a cunhar a frase ‘Roma caelestis’, o primeiro a ver o mártir como o cônsul celeste e o primeiro a equiparar a coroa do

seu mártir com a sua contraparte terrena, a ‘corona cívica’). Até mesmo a morte sofrível dos dois se torna razão de júbilo na história romana de Prudêncio. A dor dessa vida se transfigura na alegria eterna, a exata mensagem dos evangelhos de abandonar o mundo e voltar-se para as coisas do alto. Para Rops (1988, p. 119), “esta espécie de predestinação encontrará o seu remate no dia em que a capital ao mundo romano vier a ser a capital da Igreja, e a sede dos Césares a dos sucessores de Pedro.”

A universalidade da mensagem de Cristo, aliada à universalidade do Império, é um dos aspectos ecoados no décimo segundo hino de *Cathemerinon*. Celebrando a Epifania do Senhor, Prudêncio dirige-se a conclusão cantando: “*Gaudete, quiquid gentium est, / ludaea, Roma et Graecia, / Aegypte, Thrax, Persa, Scythia: / rex uniis omnes possidet.*” (Alegrai-vos, todas as nações, / Judeia, Roma e Grécia, / Egito, Trácia, Persa, Cita: / um único rei governa todos.) (Prudêncio, *Cathemerinon*, XII, 201-204.). Desse modo, Prudêncio encerra sua obra dedicada aos momentos dos dias e as solenidades da igreja. Quando o fiel canta todos os hinos, saberá no fim que a providência planejou o caminho da glória. Diante dos impropérios, valerá lembrar da vitória que é certa aos batizados na fé.

4 Conclusão

Seja nos hinos para as horas dos dias, seja nos discursos políticos ou mesmo na literatura, em seu sentido mimético da realidade, o *imperium sine fine* cristão reverbera em seu *corpus*. Prudêncio não elabora uma chave hermenêutica da realidade, tampouco se dedica a desenvolver aspectos da teologia, contudo ele se dedica a levar a luz aos povos já cristãos e pagãos. “A pena do poeta Prudêncio manifesta também a preocupação de firmar o princípio fundamental da crença católica, refutando em conjunto as ‘opiniões errôneas’ que, para o autor, um leigo culto, contrariavam a racionalidade humana” (Bastos, 2013, p. 168)

Para Prudêncio, a *ratio* (razão) era um dos princípios para uma boa vida cristã. Adotar os simbolismos romanos para uma linhagem cristã, trazendo para perto de si o conjunto de saberes de outros autores foi sua forma apologética de unir a história da sociedade com a história da salvação. Se a Igreja recebia ataques ideológicos dos pagãos e dos heréticos, era por meio da razão que eles sucumbiriam. Cristo precisou da *pax romana*,

Teodósio I reduziu a força pagã por meio de leis, caberia a Prudêncio agora não uma afronta armada, essa fica apenas em *Psychomachia* e no íntimo de cada pessoa que luta contra os vícios. Ausente de armas o que lhe resta é a voz para cantar, seus textos para serem lembrados.

E assim Prudêncio se configura um autoproclamado vate das coisas do céu. E não é absurdo pensarmos que o imperfeito pote de barro da casa divina, conforme se define no *Epilogus*, se tornou em um item de matéria mais resistente. Sua influência na literatura, nos escritos de santos medievais e as inúmeras cópias de seus textos ao longo do tempo demonstram que, pelo menos na história humana, ele é um vaso de ouro esplêndido.

Referências

BASTOS, M. J. da M. *Assim na terra como no Céu...: Paganismo, Cristianismo, Senhores e Camponeses na Alta Idade Média Ibérica (Séculos IV-VIII)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CARPEAUX, O. M. *História da Literatura Ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DRAKE, H. A. Eusébio de Cesareia. In: CARVALHO, M.; DA SILVA, G.; SILVA, M. A. (org.). *A Ideia de História na Antiguidade Tardia*. Curitiba: Editora CRV, 2021.

EUSÉBIO. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

FERRANDI, E. *La lutte contre le Paganisme dans l'Oeuvre de Prudence*. Marseille: Ed. Université Aix Marseille, 2017.

GONÇALVES, A. T. M. *A Arte Poética a Serviço do Proselitismo Cristão: Relendo os Poemas de Aurélio Prudêncio Clemente (Século IV/V)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

GONÇALVES, A. T. M. A Ideia de História em Prudêncio: relendo os dois poemas *Contra Oratorem Symmachii*. In: CARVALHO, M.; DA SILVA, G.; SILVA, M. A. (org.) *A Ideia de História na Antiguidade Tardia*. Curitiba: Editora CRV, 2021.

HARDIE, P. How Prudentian is the Aeneid?. *Dictynna*, 2017. v. 14.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 7. ed. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MOLLAT, M. *Pobres, Humildes y miserables em la Edad Media*. Tradução: Valleé. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

MCGILL, S. Introduction. In: JUVENCO. *Juvenius' Four Books of the Gospels: Evangeliorum Libri Quattuor*. Tradução para o inglês, comentários e notas de Scott McGill. London; New York: Routledge, 2016.

ORÍGENES. *Contra Celso*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

PARATORE, E. *História da literatura latina*. 13ª reimpressão. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1952.

PELTARI, A. *The Psychomachia of Prudentius: Text, Commentary and Glossary*. Norman: University of Oklahoma Press, 2019.

PRUDÊNCIO. *Obras*. Tradução de Luis Rivero García. Madrid: Gredos, 1997. v. I/II

PRUDÊNCIO. *Prudentius*. Tradução para o inglês de H. J. Thomson. Cambridge: Harvard University Press, 1949. v. I/II.

PRUDÊNCIO. *Prudentius' Crown of Martyrs: Liber Peristephanon*. Tradução para o inglês de Len Krisak. London; New York: Routledge, 2020.

PRUDÊNCIO. *Prudentius' Hymns for Hours and Seasons: Liber Cathemerinon*. Tradução para o inglês de Nicholas Richardson. London; New York: Routledge, 2016.

PUCCI, J. Introduction. In: PRUDÊNCIO. *Prudentius' Crown of Martyrs: Liber Peristephanon*. Tradução para o inglês de Len Krisak. London; New York: Routledge, 2020.

RICHARDSON, N. Introduction. In: PRUDÊNCIO. *Prudentius' Hymns for Hours and Seasons: Liber Cathemerinon*. Tradução para o inglês de Nicholas Richardson. London; New York: Routledge, 2016.

ROPS, D. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2008.

SCHMITT, C. E. *A Psychomachia: uma legitimação literária da nova religião*. 2023. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. DOI:10.11606/T.8.2023.tde-19032024-090240.

SOUZA, A. A. A. de. *Formas de Recepção da Psicomaquia de Prudêncio*. Humanitas. Imprensa da Universidade de Coimbra, v. 50, p. 113-125, 1998.

SHANZER, D. Allegory and Reality: Spes, Victoria and the Date of Prudentius's Psychomachia. *Illinois classical Studies*. Champaign: University of Illinois Press, v. 14, n. 1/2, p. 347-363, 1989.

THAMOS, M. *As Armas e o Varão*: Leitura e Tradução do Canto I da Eneida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

WILKEN, R. Prudentius: The First Christian Poet. *Logos: A Journal of Catholic Thought and Culture*, v. 2, n. 2, p. 154-169, Spring 1999.

ZÉTOLA, B. M. *Pobreza, Caridade e Poder na Antiguidade Tardia*. Curitiba: Juruá, 2009.